



ORIGINAL / ARTICLE ORIGINAL / ORIGINALE

Integrative therapies and additional: reflections on the acceptance and applicability praxis in nursing

Terapias integrativas e complementares: reflexões acerca da aceitação e aplicabilidade na praxis de enfermagem

Terapias integrales y adicionales: reflexiones sobre la praxis de aceptación y aplicabilidad en enfermería

Ana Clara Lucena Silva¹, Adrielly Caroline Oliveira², Inez Sampaio Nery³, Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes⁴

ABSTRACT

Objective: To reflect on the acceptance and applicability of complementary and integrative practices in nursing praxis. **Reflections:** The professionals despite the support PICs and show an interest in them have difficulties, such as lack of specific training, prejudices from society, and ignorance of the law. Nursing is a profession by nature whose essence humanistic care, based on the holistic attention to human, you can find these practices, new ways to better serve its clientele. The knowledge and practice of nurse therapist is still a growing process. **Conclusion:** It is essential that nurses assume the role assigned to it about natural therapies because they are recognized by the Ministry of Health and its organ class and demonstrate greater interest in new challenges and seek to better care. **Descriptors:** Nursing Care. Holistic nursing. Alternative therapies.

RESUMO

Objetivo: Realizar uma reflexão sobre a aceitação e aplicabilidade das práticas integrativas e complementares na *práxis* de enfermagem. **Reflexões:** Os profissionais apesar de apoiarem as PICs e mostrarem-se interessados por elas apresentam dificuldades, como a falta de capacitação específica, preconceitos por parte da sociedade, além de desconhecimento da legislação. A Enfermagem por ser uma profissão de natureza humanística cuja essência o cuidado, baseia-se na atenção holística ao ser humano, pode encontrar nessas práticas, novas formas para melhor atender à sua clientela. O saber e fazer da enfermeira terapeuta ainda é um processo em expansão. **Conclusão:** É imprescindível que a enfermeira assuma o papel que lhe é atribuído acerca das terapias naturais devido serem reconhecidas pelo Ministério da Saúde e seu órgão de classe e demonstrar maior interesse pelo novo e buscar desafios para melhor cuidar. **Descritores:** Assistência de Enfermagem. Enfermagem holística. Terapias alternativas.

RESUMEN

Objetivo: Reflexionar sobre la aceptación y la aplicación de prácticas complementarias y de integración en la praxis de enfermería. **Reflexiones:** Los profesionales que a pesar de los PICs de apoyo y muestren interés en ellas tienen dificultades, como la falta de formación específica, los prejuicios de la sociedad, y la ignorancia de la ley. La enfermería es una profesión de carácter humanista cuya esencia cuidado, basado en la atención integral al ser humano, se pueden encontrar estas prácticas, nuevas formas de servir mejor a su clientela. El conocimiento y la práctica de la enfermera terapeuta sigue siendo un proceso de crecimiento. **Conclusión:** Es esencial que las enfermeras asuman el papel que le asigna sobre las terapias naturales, ya que son reconocidos por el Ministerio de Salud y su clasificación por órganos y demostrar un mayor interés en los nuevos desafíos y buscar una mejor atención. **Descriptor:** cuidados de enfermería. Holística de enfermería. Las terapias alternativas.

¹ Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Acupuntura e Saúde Mental.

² Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí.

³ Doutora em Enfermagem. Professora Associado II do Departamento de Enfermagem, do Programa de Mestrado em Enfermagem e Mestrado e Doutorado em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí.

⁴ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem e do Programa de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí.

INTRODUÇÃO

As práticas integrativas e complementares (PICs), práticas holísticas antes denominadas alternativas, atualmente têm avançado e suscitado espaço, bem como diversas discussões em todos os níveis de saúde, e isso se deve há vários motivos, incluindo-se uma crise nos paradigmas da medicina convencional.

Podem-se compreender as PICs como terapias que visam a assistência de saúde ao indivíduo, ao atuar na promoção da saúde, prevenção das doenças, tratamento e reabilitação, considerando o indivíduo não apenas como um conjunto de órgãos ou partes isoladas, e sim, como um todo, constituído de corpo, mente e espírito. Dessa forma, considera o ser em sua totalidade e, portanto, não objetiva a cura da doença pela intervenção direta no órgão ou parte doente ⁽¹⁾.

Há diferentes formas de denominar as terapias alternativas. Quando essas práticas são usadas juntamente com a biomedicina, são chamadas complementares; quando usadas no lugar de uma prática biomédica, consideradas alternativas; e quando são usadas conjuntamente baseadas em avaliações científicas de segurança e eficácia de boa qualidade, chamadas integrativas ⁽²⁾.

Ao buscar na história mundial, sabe-se que o homem primitivo sempre buscou a natureza para alimentar-se, solucionar seus males de saúde, ou ainda, para afastar espíritos malignos que, na sua concepção, habitavam no interior dos homens e animais. A tarefa de curar os doentes, unindo magia e religião ao saber empírico das práticas de saúde, estava nas mãos dos feiticeiros ou pajés, considerados intermediários entre os homens e os deuses por suas capacidades especiais. O conhecimento e experiência adquiridos por estes foram transmitidos através dos tempos e os processos de cura deixaram de ser vistos apenas com enfoque espiritual e místico.

Apesar de se orientarem por contextos culturais diferentes, Ocidente e Oriente na Idade Antiga em relação à saúde baseavam-se no holismo, ou seja, a terapêutica deveria atuar no organismo como um todo integrado ao Universo e não apenas na eliminação dos sintomas da doença manifestados localmente ⁽³⁾.

A partir da década de 70 (século passado), a utilização de terapias alternativas se popularizou e passou a ser utilizada para diversas finalidades. Os motivos que levam à procura por práticas complementares de saúde dar-se geralmente pela insatisfação com a medicina convencional e a afinidade pela utilização de produtos naturais, associados à menor custo e de fácil aquisição, para poderem solucionar ou amenizar problemas de saúde ⁽⁴⁾.

Além de ser fomentada pelas frustrações, insatisfações e limites vividos com a biomedicina, a valorização da Medicina Alternativa e Complementar (MAC) deve-se, também, a seus méritos próprios e tem sido reconhecida internacionalmente na saúde pública e no Brasil está sendo incentivada pela atual Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Ministério da Saúde.

Integrative therapies and additional..

A referida política aprovada pela Portaria 971/2006/MS, contempla sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos, os quais são também denominados pela Organização Mundial de Saúde-OMS de medicina tradicional e complementar/alternativa. Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade ⁽⁵⁾.

O crescimento dessas práticas no Ocidente é inegável, contudo grande parte dos profissionais da saúde demonstra desconhecimento sobre as mesmas, falta de credibilidade, pouca ou nenhuma aceitabilidade e a falta de capacitação por parte dos gestores das instituições. Diante deste contexto, é necessário que os profissionais busquem informações e capacitação sobre essas práticas, e ainda reflitam sobre as mesmas, as quais envolvem o direito de escolha do cidadão e convicções de natureza religiosa, familiar, para que assim possam incorporá-las no cotidiano de suas práticas nos serviços de saúde. Ao considerar a realidade em questão, esta pesquisa objetiva refletir sobre a aceitação e aplicabilidade das práticas integrativas e complementares na *práxis* de enfermagem, dada a sua crescente valorização e ênfase na prática.

REFLEXÕES ACERCA DA ACEITAÇÃO DAS TERAPIAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NA PRAXIS DE ENFERMAGEM

Apesar dos notáveis avanços realizados pela medicina convencional, tem ocorrido um crescimento exponencial no interesse e no uso das medicinas alternativas e complementares (MAC), principalmente em países ocidentais desenvolvidos ⁽⁶⁾.

O uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) encontra-se disseminado por todo o mundo, com milhares de praticantes em centenas de países. Esse crescimento tem sido justificado por méritos próprios e resultados positivos. Assim como pela insatisfação com a medicina convencional, já que o fato tem surgido no meio social visto que as complicações inerentes à medicalização têm sido evidenciadas e reveladas à população.

Para uma grande parcela da população a qual apresenta baixo nível de escolaridade, a escolha de métodos de tratamento é influenciada por razões nem sempre fundamentada no conhecimento e sim, na fé e na tradição oral e familiar, não comprovadas, porém reforçada pela memória seletiva a qual confirma ocasiões de sucesso na utilização. Entretanto, terapias milenares antes consideradas bruxaria, magia ou feitiço, hoje possuem regulamentação própria.

A Enfermagem como uma das profissões da saúde, pioneira no reconhecimento das práticas integrativas e complementares, tem se aproximado desta temática por meio de disciplinas específicas na graduação, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, inclusive sendo reconhecidas em resolução do seu órgão de classe.

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) apoiou através do Parecer Normativo nº 004/95, o reconhecimento das práticas alternativas (Acupuntura, Iridologia, Fitoterapia, Reflexologia, Quiropraxia, Massoterapia, dentre outras), como atividade profissional vinculada à saúde e não estando vinculados a qualquer categoria profissional; através da Resolução COFEN-197/97 estabeleceu e reconheceu as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem, desde que o profissional de Enfermagem conclua e tenha sido aprovado em curso reconhecido por instituição de ensino ou entidade congênere, com uma carga horária mínima de 360 horas e com a Resolução COFEN 389/2011 (enfermagem e terapias holísticas complementares) fixou as especialidades de Enfermagem (Terapias Naturais / Tradicionais e Complementares / Não Convencionais) ⁽⁷⁾.

Encontra-se, porém, algumas dificuldades no desenvolvimento de tais práticas devido ao processo de implementação das mesmas nos serviços de saúde, já que necessitam de protocolos e rigoroso controle sanitário dos fitoterápicos dentre outras terapias. Além disso, há ainda outros percalços no caminho da regulamentação dessas práticas, como a identificação taxonômica das plantas e as dosagens utilizadas.

Outro fato que remonta a essas dificuldades constitui-se no desconhecimento dos profissionais da saúde sobre as terapias integrativas e complementares pode ser responsável por conceitos equivocados, que podem gerar dificuldades na relação médico-paciente e com colegas praticantes dessas especialidades. Uma parcela dos profissionais, apesar de apoiarem as PICs e mostrarem-se interessados por elas, restringe-se seu apoio necessitando de mais capacitação para sua prática na atenção primária e/ou secundária.

Estudos mostram inúmeras dificuldades em se trabalhar com as terapias alternativas e complementares (TAC). Dentre as dificuldades apontadas por enfermeiros estão à falta de capacitação específica, tabus e preconceitos das equipes e dos usuários de sua unidade e a deficiência de recursos físicos. Contudo, os estudos revelam ainda, que grande parte dos enfermeiros mostrou-se interessados nas TAC, por acreditarem que elas podem auxiliar na melhoria da saúde, porém o desconhecimento da legislação, a falta de capacitação teórico-prática, os limita na experiência⁽⁸⁾.

Sabe-se, portanto, que há necessidade de intensificar as capacitações e cursos de especialização na área enfermagem sobre terapias alternativas e complementares, ampliando assim o campo de atuação da enfermeira, conduzindo-a intervenções terapêuticas eficazes. O saber e fazer da enfermeira terapeuta ainda é um fruto por se colher, mas para isso é imprescindível assumir o papel que nos é atribuído, abandonar a alienação e a falta de interesse pelo novo, buscar desafios e encarrega-se do que nos pertence. É mister que a enfermagem busque o saber fazer a fim de ocupar os espaços na prática científica de forma efetiva e

Integrative therapies and additional.. consciente, para a que seja sujeito ativo na transformação e desenvolvimento profissional.

ENFERMAGEM E APLICABILIDADE DAS PRÁTICAS HOLÍSTICAS

De maneira geral, os pacientes percebem o uso das medicinas alternativas e complementar (MAC) de maneira positiva, como úteis e não tóxicas acredita-se que propiciam uma mudança no estilo e na qualidade de vida, que influencia positivamente os rumos da doença e a sensação de maior controle sobre o corpo e sobre o próprio tratamento.

Sabe-se que a maioria dos pacientes relata melhora na qualidade de vida durante seu processo de doença quando atendidos de forma integral. Quando se fala em tratamento integral/holístico dos pacientes, há determinada identificação e maior aproximação.

Esse contexto remete a um conceito bastante presente na área da saúde, o Holismo. O termo holismo nos dias atuais é utilizado em diversos campos do conhecimento. No contexto das terapias trabalha-se o holismo nativo, o qual se refere a um conjunto de valores aplicados à terapêutica que atravessa as dimensões da racionalidade médica em que se insere sua prática. Nessa conjuntura a sociedade é algo mais do que a soma de indivíduos e, portanto, lhes é hierarquicamente superior ⁽⁹⁾.

O desenvolvimento das terapias holísticas pode ser entendido como um resgate de valores perdidos na dimensão terapêutica da biomedicina. O holismo faz parte do cuidado em enfermagem. Considerar o paciente/cliente como um ser integral e não um conjunto de partes é visto pela enfermagem como algo inerente ao cuidado. Isso constitui um fato que colabora para a aceitabilidade e aplicabilidade dessas práticas por essas profissionais. Por ter como base de sua filosofia a prevenção de estados patológicos e a promoção da qualidade da vida, a enfermeira pode melhorar seu trabalho, associando as referidas práticas de modo preventivo, paliativo e terapêutico ou mesmo coadjuvante em tratamentos.

As novas práticas de tratamento evidenciam e induzem transformações nas representações de saúde, doença, tratamento e cura, presentes na cultura, criando outras que frequentemente valorizam o sujeito e sua relação com o terapeuta como elemento fundamental da terapêutica, bem como o uso de pouca tecnologia em oposição às deficiências na relação médico/paciente, características da terapêutica na biomedicina, acentuadas pela interposição tecnológica ⁽⁹⁾.

As primeiras teorias de Enfermagem levam em consideração aspectos holísticos, como por exemplo, a Ciência do Ser Unitário, de Martha Rogers. Essa teoria propõe a transformação da prática da enfermagem em um sistema terapêutico independente que promova a saúde, baseado na utilização da energia e em processos não invasivos⁽¹⁰⁾.

Ao se falar em cuidado holístico e integralidade do cuidado à saúde, é necessário salientar tamanha relevância, visto que a mesma foi estabelecida como diretriz da 8ª Conferência Nacional de Saúde e formalizada como princípio doutrinário do Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, as terapias complementares ao levarem em consideração esses

conceitos como princípios norteadores, impulsionam a desmedicalização do cuidado profissional, e se tornam socialmente valorizadas e desejadas.

Aliado a todas essas discussões envolvendo aplicabilidade das TAC faz-se necessário estimular a introdução de disciplinas obrigatórias na matriz curricular do Projeto Político dos cursos da área da saúde que, em sua grande maioria, não proporcionam conhecimentos além da medicina convencional. Neste sentido, o desconhecimento dos profissionais relatados nos mais diversos estudos sobre o assunto, sugere também a necessidade de capacitação e de divulgação desses temas para implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) em todos os municípios da federação.

Nessa perspectiva, a Enfermagem por ser uma profissão de natureza humanística cuja essência, o cuidado, baseia-se na atenção integral, holística ao ser humano, precisa buscar essa qualificação. A sua formação ainda está predominantemente pautada no modelo biomédico não incorporando à sua prática modalidades terapêuticas complementares, capazes de promover a saúde, prevenir e tratar as doenças. A participação das enfermeiras é importante e imprescindível, para a realização de um cuidar holístico aos pacientes, na promoção da saúde, prevenção dos agravos, em busca de recuperar o indivíduo e a coletividade.

Outro fato a ser considerado é a utilização das práticas complementares pelas próprias enfermeiras. Essas profissionais necessitam do equilíbrio mente-corpo, visto que as mesmas lidam constantemente em sua prática cotidiana com o processo saúde-doença, sofrimento no atendimento aos pacientes e o binômio vida e morte.

Ao utilizar-se desse tipo de tratamento, a enfermeira poderia adquirir não apenas a melhoria de problemas físicos ou no equilíbrio da mente-corpo, mas também no desenvolvimento da autoconsciência, aumentando a percepção de cada um sobre si mesmo. Por meio da utilização dessas práticas o indivíduo também tende a dar mais atenção ao outro, fato que contribui significativamente no relacionamento terapêutico enfermeira - paciente e permite a essa profissional identificar melhor as necessidades em saúde do paciente.

CONCLUSÃO

A busca por artigos sobre práticas integrativas e complementares, desenvolvidos por profissionais da enfermagem ainda apresenta-se incipiente, o que acarreta em um vácuo de conhecimento dado o pequeno número de trabalhos. Futuras pesquisas são necessárias para incentivar essas iniciativas e para explorar mais efetivamente a relação entre as PICs e a prática da enfermagem.

Essas novas investigações devem avaliar além do interesse/prática, o conhecimento sobre a legislação, que respalda o profissional a realização dessa prática. Muitos alunos da graduação desconhecem o respaldo legal da especialização em Terapias Alternativas para o enfermeiro. Portanto, como será possível lutar pela participação dos enfermeiros no mercado de trabalho se os profissionais que são respaldados legalmente não conhecem o campo que

Integrative therapies and additional.. lhes pertence por lei? A cultura profissional depende em grande parte do interesse e consciência daqueles que atuam e estão envolvidos no saber e fazer que caracterizam a profissão.

Por conseguinte, torna-se fundamental ampliar os horizontes conceituais dos benefícios da técnica das terapias alternativas, com expansão da terapêutica para o enfermeiro nas universidades e instituições de saúde, públicas e privadas, para que se torne uma prática multiprofissional, compartilhada, ética, em benefício da população brasileira.

A enfermagem é uma profissão que vem sendo subutilizada pelos sistemas de saúde, precisamos reconhecer a importância da nossa atuação no campo das terapias naturais, redefinindo assim nossas intervenções terapêuticas com o intuito de renovar e aprimorar nossa assistência.

REFERENCIAS

1. Trovo MM, Silva MJP da. Terapias alternativas/complementares - a visão do graduando de Enfermagem. Rev. Esc. Enfermagem USP, 2002; mar., 36(1): 80-7.
2. Tesser CD, Barros NF. Medicalização social e Medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do sistema único de saúde. Rev Saúde Pública 2008; 42(5): 914-920.
3. Faria PG, Ayres A, Alvim NAT. O diálogo com gestantes sobre plantas medicinais: contribuições para os cuidados básicos de saúde. Acta Scientiarum. Health Sci. 2004; 26(2): 287-94.
4. Jaconodino CB, Amestoy SC, Thofehrn MB. A utilização de terapias alternativas por pacientes em tratamento quimioterápico. Cogitare Enferm. 2008 jan./ mar.; 13(1): 61-6.
5. Ministério da Saúde (BR). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília: Editora Ministério da Saúde; 2006.
6. Spadacio C, Barros NF. Uso de medicinas alternativas e complementares por pacientes com câncer: revisão sistemática. Rev Saúde Pública 2008; 42: 158-64.
7. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Resolução 389/2011. Brasília; 2011.
8. Nunes HMF, Ciosak SI. Terapias alternativas/complementares: o saber e o fazer das enfermeiras do distrito administrativo 71 - Santo Amaro - São Paulo. Rev Esc Enferm USP 2003; 37(3): 11-8.
9. Souza EFAA; Luz MT. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. Hist. cienc. Saúde. 2009;16(2): 393-405.
10. Sales LF, Silva MJ. Enfermagem e as Práticas complementares em Saúde. São Caetano do Sul (SP): Yendis Editora; 2011.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2012/22/08

Accepted: 2012/10/10

Publishing: 2012/31/12

Corresponding Address

Ana Clara Lucena Silva
Universidade Federal do Piauí
Campus Ministro Petronio Portela. Bairro Ininga.
Teresina, Piauí, Brazil.
CEP 64049-550.